

O EX-REI HUMBERTO, DE ITÁLIA, À SUA CHEGADA AO AEROPORTO



FOTO
ARMANDO
SERODIO

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 265
20 DE JUNHO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00



1) O Café Suíço. 2) A «Brasileira», do Rossio.
3) Nesta foto vêem-se o «La Gares» e o «Glo».
4) O velho «Martinho».

OS CAFÉS

POR CARLOS OLAVO

NÃO sei quem dizia que basta entrar num Café para se saber em que terra se está. Isto é verdade. O Café é uma das feições mais características duma cidade e o traço mais visível da mentalidade da sua população.

Há uma grande diferença, por exemplo, entre os Cafés de Lisboa e os do Porto. No Porto vai-se ao Café tomar café. O burguês que ali entra tem um objectivo determinado e prático: desentender-se. Fecho o escritório mais leva

o negócio na cabeça e se encontra um colega ou um amigo é em negócio que fala. A conversa embora succulenta como a cozinha é um acidente. Tomado o café ou o refresco, o burguês retira-se e é por isso que na frequência dos Cafés do Porto há uma renovação constante.

Os intelectuais passam nestas casas sem fazer grupo, por acaso. Vivem dispersos e recolhem cedo...

Em Lisboa é o contrário. O café

é um pretexto, a conversa é tudo: a conversa literária e política.

O que interessa e palpita nas conversações é o último livro que saiu, a última peça que se representou, o último artigo de jornal ou de revista, o último boato, a última blasfêmia, a última anedota, a última facézia.

No Café de Lisboa descobrem-se notabilidades, arrazam-se reputações, constroem-se quiméras, nomeiam-se e derubam-se governos, inventam-se glórias, fracassos, conspirações, escândalos.

Houve um tempo, antes das Brasileiras, em que os Cafés tinham apatiguados certos e fiéis como os partidos políticos e as escolas literárias.

É da história da vida de Lisboa a rivalidade que num dado momento existiu entre o Martinho e o Tavares. No Tavares reunem-se as elegâncias do alto mundo e das letras. Há monóculos, casacas, charrutos, bebidas caras.

No Martinho acampa a boémia literária em volta de Filhalo de Almeida, fumante tabaco francês e bebendo bagaço. O único monóculo que ali fuziliza é o monóculo de Gualdim Gomes. Brito Camacho frequenta o Martinho, João Chagas frequenta o Tavares.

O Tavares, orgulhoso das suas glórias e dos seus requintes olha de alto para o Martinho como um repaire de maltrapilhos.

Eça de Queiroz não fala no Martinho senão com desdém. Os seus personagens encontram-se no Tavares. Só ao Raposo, dasas as baixas reações que tem com as Adéllas do Salitre, ele permite que vá ao Martinho, mas para constatar intencionalmente que uma noite, depois de S. Carlos, na vasta sala deserta apenas um freguez sonolento e melancólico cabeceava sobre um jornal...

Os Venúzios da Vida nascido no Tavares, como diz António Cândido, era uma colherada de doce e uma garchalada de Champanhé.

O Martinho reage. Filhalo responde que nem sempre a história regista os nomes dos homens que bebem champanhé...

Nas noites de S. Carlos, depois do espectáculo, o galanhêiro toma a direcção do Martinho, de chapêlo mole e gola levantada, e a plateia encrinha-se para o Tavares, rebrihendo nos peitinhos de bom e acendendo já os charutos.

São dois mundos diferentes que originam duas literaturas diferentes. Os dois documentos mais sugestivos dessas literaturas são as Farpas e os Gatós.

O estilo das Farpas é fresco, acado, escovado, de bom recorte, vestido de cheviote inglês como o próprio Ramalho. A ironia que faísca nas suas páginas é sadia e alegre como uma garchalada e a apóstrofe que as sacia, por vezes, é de bom gosto, proporcionada, impúdica como uma nota de clarim.

Oelo contrário, a linguagem do Gatós é desgrenhada e colérica, amasada em génio e em fúria. Na vibração da pena que os redige transparecem os rancores duma alma ulcerada de humilhação e de despeito. O que há de ironia nas Farpas, é sarcasmo e vitupério nos Gatós.

Mais tarde o panfletário famélico e subversivo havia de ser desmentido pelo burguês planturoso regalado em opulências sientefanas...

No período heroico dos combates pre-revolucionários o Martinho foi por vezes uma barricada.

O Café pagou, em louca partida e em mobilidade, classificada, o seu tributo à Revolução e o velho criado Valentim figurou em revistas do ano tirando balas perdidas do nariz ciclopico!

Os outros Cafés com algum carácter eram o Suíço e o Glo. No Suíço convergia uma massa heteroclita de actores e coelós, de toureiros e aficionados, de boémios e notívagos sem beira nem ramo de figurão...

Erant tipos estranhos que só apareciam ao escurecer, de faces lividas e olhos mortuos desabitados da luz do Sol. Fechado o Café iam acabar a noite no boteco da rua Levedêlla à esquina das Mercês, ou ao Café das Gemadas à Bitesga, até que sob os

CRÓNICA

PASSAR A FRENTE

E tudo na vida se nota a alegria do Homem quando consegue — passar à frente. Passar à frente, até sem proveito — contanto que outros fiquem para trás...

Na rua é fácil constatar este prazer, tão egoísta — e tão humano. Seguem dois «táxis», ambos conduzindo pessoas que não têm pressa. Mas qualquer deles ficará radiante se o seu motorista acelerar a marcha do carro e passar à frente do outro!

Ora isto que pode ocasionar um desastre, quando de automóveis se trata, pode mais desastroso ser quando a «ultrapassagem» fór na vida, em vez de ser na rua. É evidente que a ambição leva muitos homens a quererem meter-se em «corridas» superiores ás suas forças. Algumas vezes conseguem mesmo passar à frente e, embora cansados, não deixam de exibir, aos que ficam para trás, o seu sorriso de triunfo... Outros, ficam pelo caminho, revoltados contra o Destino, quando deveriam, apenas, revoltar-se contra eles próprios — parádis que sonharam ser águias...

Mas não é fácil que, enquanto houver homens sobre a terra, acabe esta fria ambição de passar à frente, de deixar os outros para trás, numa corrida que tanto pode levar à glória e à morte, como ao ridículo — ridículo! tal que, bastas vezes, nem a morte o consegue apagar...

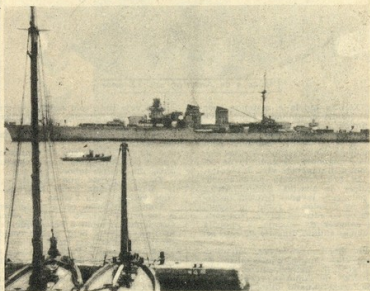
E, quando assim é, não vale a pena correr muito. Porque, se deixamos muitos para trás, humilhados e vencidos, outros, mais fortes ou mais felizes, não permitirão que lhes passemos à frente, e tudo foi inútil: — o nosso «táxi», a nossa vaidade, o nosso sonho...

IMP. L. NAZARE

CHEGARAM A LISBOA A ESPOSA E OS FILHOS DO REI HUMBERTO DE ITALIA

A bordo do cruzador italiano «Duca degli Abruzzi», chegaram, há dias, a Lisboa, a infanta D. Maria José de Bragança, esposa do rei Umberto II, e seus filhos, o príncipe de Nápoles e as princesas Maria Pia, Maria Gabriela e Maria Beatriz.

O «Duca degli Abruzzi» era comandado pelo capitão de mar e guerra Aldo Rossi e vinha sob escolta do contratorpedeiro «Ganaderis».



O «Duca degli Abruzzi» à sua chegada ao Tejo



Dois aspectos do desembarque no Arsenal de Marinha



primeiros fulgores arroxeados da madrugada se desfaziam como espectros!

Ah!, à porta do Salão, não era raro que um pugilato estalasse liquidando uma cena de ciúmes teatrais, ou uma disputa de sabedoria tauromáquica!

O Gêlo era o Café dos estudantes, espécie de cervejaria La Source, do Boul'Mich, sem griseletes e sem letras.

A literatura era um privilégio do estudante de Coimbra que mantinha uma tradição poética que vinha dos tempos mais remotos. As escalas literárias, sobretudo as mais subjectivas, repercutiam-se nas repúblicas e nos Cafés.

O Luciano regurgitava de poetas, onde não faltavam originalidades estudadas à Mallarmé e pitorescas imitações baudelairianas, com cabeleiras pintadas e libações forçadas de aguardente...

O Gêlo era um Café de triage; o estudante estagiava ali para entrar no Martinho. Uma vez formado, voltava-lhe sobranceiramente as costas e era no Martinho que passava a abuncar.

Os Cafés começaram mais tarde a alastrar, subiram a Avenida e grimparam pelo Chiado, infiltraram-se nas Avenidas novas, avançaram mesmo até Campo de Ourique.

O Tavares, na sua primeira fase democratizou-se e caiu; o Martinho, por seu lado, descharacterizou-se pela invasão dos neutros e as literaturas reconciliadas recolheram-se, como arrependidas dos ódios antigos, aos novos Cafés do Chiado...



O café Chiado

A VIDA DUM GRANDE ESCRITOR

GUEDES DE AMORIM

EVOCA ALGUNS EPISÓDIOS DA SUA CARREIRA LITERÁRIA



Imagem de Amorim aos 14 anos

DIRETOR de obras e imprensas, professor de literatura portuguesa, autor de importantes estudos literários, crítico de arte e de teatro, Guedes de Amorim nasceu em 1894, em Vila Rica, Rio de Janeiro, e morreu em 1974, em São Paulo. Sua obra literária é vasta e diversificada, abrangendo a poesia, o conto, o romance e o ensaio. Foi também um importante crítico de arte e de teatro, tendo escrito numerosos estudos sobre os grandes artistas brasileiros e estrangeiros.

Em 1914, aos 20 anos, Guedes de Amorim publicou seu primeiro livro, "O Livro do Amor", uma coletânea de poemas. Este livro marcou o início de sua carreira literária e estabeleceu sua reputação como poeta. Ao longo de sua vida, escreveu mais de 20 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Sua obra é caracterizada por uma linguagem clara e acessível, e por uma profunda compreensão da realidade brasileira.

Guedes de Amorim também foi um importante crítico de arte e de teatro. Escreveu numerosos estudos sobre os grandes artistas brasileiros e estrangeiros, incluindo Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Sua crítica foi sempre justa e equilibrada, e contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Após um tempo dedicado à literatura, Guedes de Amorim voltou-se para o jornalismo e o ensino. Foi professor de literatura portuguesa em várias universidades e trabalhou em jornais importantes. Sua experiência no jornalismo influenciou profundamente sua obra literária, tornando-a mais crítica e comprometida com a realidade social.

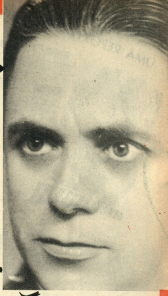
Em 1928, publicou "O Livro do Amor", sua primeira obra literária. Este livro foi muito bem recebido e estabeleceu sua reputação como poeta. Ao longo de sua vida, escreveu mais de 20 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Sua obra é caracterizada por uma linguagem clara e acessível, e por uma profunda compreensão da realidade brasileira.

Guedes de Amorim também foi um importante crítico de arte e de teatro. Escreveu numerosos estudos sobre os grandes artistas brasileiros e estrangeiros, incluindo Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Sua crítica foi sempre justa e equilibrada, e contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Além de sua obra literária, Guedes de Amorim também foi um importante crítico de arte e de teatro. Escreveu numerosos estudos sobre os grandes artistas brasileiros e estrangeiros, incluindo Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Sua crítica foi sempre justa e equilibrada, e contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Em 1935, publicou "O Livro do Amor", sua primeira obra literária. Este livro foi muito bem recebido e estabeleceu sua reputação como poeta. Ao longo de sua vida, escreveu mais de 20 livros, incluindo romances, contos e ensaios. Sua obra é caracterizada por uma linguagem clara e acessível, e por uma profunda compreensão da realidade brasileira.

Guedes de Amorim também foi um importante crítico de arte e de teatro. Escreveu numerosos estudos sobre os grandes artistas brasileiros e estrangeiros, incluindo Monteiro Lobato, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Sua crítica foi sempre justa e equilibrada, e contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira.



CENAS DA ALEMANHA OCUPADA

1) Um soldado americano embolsado e levado para o campo pelos soldados alemães. 2) Aparatos feitos de madeira para uso doméstico.



4

Em Tóquio-Montão, com sua mãe e sua irmã



5

Em Tóquio-Montão, com sua mãe e sua irmã. Guedes de Amorim viajou para o exterior em busca de inspiração e para conhecer outros escritores. Sua estadia em Tóquio foi muito produtiva, e ele escreveu alguns de seus melhores trabalhos durante esse período.

Após sua volta ao Brasil, Guedes de Amorim continuou a trabalhar no jornalismo e no ensino. Sua obra literária tornou-se cada vez mais diversificada, abrangendo a poesia, o conto, o romance e o ensaio. Sua crítica de arte e de teatro também se tornou mais abrangente, incluindo a análise de obras de arte e de teatro de diferentes culturas.

Guedes de Amorim foi um homem de letras e de ação. Sua obra literária e sua crítica de arte e de teatro contribuíram para o desenvolvimento da cultura brasileira. Ele foi um homem de princípios e de coragem, e sua vida e obra são um exemplo para todos nós.

UMA REPORTAGEM EXTENUANTE!

AFINAL, EM LISBOA HÁ MUITAS CASAS COM "ESCRITOS"!



Escritos...

Mais escritos...
Cosas para alugar,
não faltar!

TANTA gente se queixa da falta de casas e, afinal, quem passar por essas ruas alhando, com atenção, as janelas dos prédios, verá indícios "escritos", o que, à primeira vista, pode dar a impressão de que só não aluga casa quem não quer! Mas acompanhe-nos o leitor numa digressão por esses bairros, se quer ficar, sobre o assunto, absolutamente instruído.

— Que rua preferimos? Ah! Qualquer serve! Basta haver escritas — e paciência para subir escadas.

— Ora muito bem! Logo nesta rua temos um segundo andar com escritas. O prédio é moderno e de linhas elegantes — mas não é bem o que se pode chamar um prédio de luxo. Procuremos a porteira. Ah! a temos! Esplêndido! — Os senhores querem ver o segundo andar? Eu, por mim, não me importo de lho mostrar, mas olhem que a renda são dois contos e quinhentos! Agradecemos a gentileza da porteira, mas não queremos ver... Vamos a outra rua. Também quem nos mandou a nós procurar casa num bairro quase elegante!

Temos agora, à nossa frente, um prédio dos chamados "antigos". No terceiro andar, há escritas. Muito bem. Com certeza que, numa rua modesta, e num terceiro andar dum prédio velho, não nos vão pedir nenhuma exorbitância... O pior é que o prédio não tem porteira.

Melhor! Mais barata deve ser a renda. Mas — quem mostrará a casa? Espera... Aqui na porta está um papilho que diz: — As chaves estão no rés-do-chão. Batemos no andar indicado.

ANTHAL NAZARE

Há casas vagas em todos os bairros, em todos os andares e para todos os gostos!



Há escritas em prédios modernos e antigos.

LL
LL
LL

Em casas com carro à porta e longe do barulho dos eléctricos...

Já vê o leitor que, se nenhuma destas casas lhe parece e porque é, com certeza, muito exigente!

— Sabe dizer-nos o preço do terceiro andar?

— São setecentos escudos!

— Esplêndido! — vamos para dizer. Mas a senhora do rés-do-chão concilia.

— Mas tem trinta contos de indemnização!

E claro que não subimos e continuamos a nossa peregrinação.

Agora, estamos à porta dum prédio de regular aparência, no bairro da Graça. O quarto andar aluga-se.

E a porteira informa:

— A renda são setecentos escudos. Mas só alugam a quem ficar com três candeeiros!

Ficamos radiantes. Sim, realmente, quem tiver interesse numa casa, por que razão não há de comprar os três candeeiros?

— E... quanto custam?

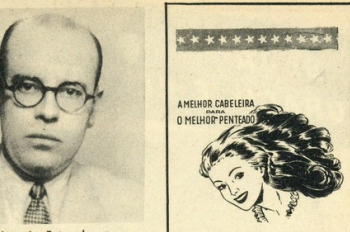
— Os três candeeiros custam trinta e cinco contos!

Fugimos, apavorados. E continuamos o nosso fadário.

As casas que não têm trespasses, nem indemnização, custam entre dois e três contos e quinhentos por mês; as que custam entre quinhentos e mil e quinhentos escudos de renda — têm dezenas de contos de indemnização!

Mas não se vá, por isto, pensar que em Lisboa não há casas para alugar! Nada disso! Há até muitas! Tanto que o Armando Serôdio, que nos acompanhava nesta rápida mas extenuante reportagem, disparou a máquina por várias vezes e as aprovava aqui ficam! Mas, meus amigos, eu só quero que me digam para onde há-de ir morar aqueles que não têm dinheiro para dar de trespasses, nem dois contos para dar de renda por mês — nem a sorte de arranjar uma casa num bairro económico!...

ARTÍSTICO PARSIAE E EINSTEIN



Dr. Joaquim Entrambasaguas

FAZENDO um curso especial de literatura espanhola na Faculdade de Letras de Lisboa, esteve entre nós durante dois meses, o distinto catedrático da Faculdade de Letras de Madrid, D. Joaquim Entrambasaguas, personalidade de destaque no meio equitativo europeu e figura marcante da actual literatura de Espanha. D. Joaquim Entrambasaguas, que além de ter sido professor eminente de língua e literatura espanhola na Universidade de Murcia, é actualmente catedrático em Madrid, membro do «Consejo Superior de Investigaciones Científicas», director dos «Cuadernos de Literatura Contemporánea», da «Revista de Bibliografía Nacional» e do «Anuario de Hispanismo». A sua personalidade rica e o seu muito saber faz dele, ao mesmo tempo, um poeta há pouco revelado com um curioso livro de poemas modernos, «Voz deste Mundo», e um crítico que tem dedicado ao estudo da literatura espanhola o melhor do seu labor científico, porque para D. Joaquim Entrambasaguas a crítica é não só uma ciência como um meio de criação do seu pensamento. A sua bibliografia é vasta e conta para cima de 100 trabalhos em livros, editados, artigos, ensaios e notas.

Muito valioso, conhecedor da literatura europeia, formou uma doutrina pessoal sobre a literatura ibérica, em especial sobre o fenómeno literário e estético da literatura em Espanha, ideias que tem expandido em várias publicações do país vizinho e da América latina. Familiarizado com a cultura do nosso país e com a nossa lírica, que lhe tem merecido uma atenção especial, D. Joaquim Entrambasaguas concebe portemente a cultura em Portugal para dedicar ao estudo e conhecimento da nossa poesia contemporânea, merecendo-lhe uma especial atenção a renovação poética que entre nós se realizou, e que, segundo o mais de D. Joaquim Entrambasaguas, é, no país vizinho, o primeiro «Istópica». Na realidade, Lope de Vega, em si, a sua pátria, e o estudo dessa enorme figura da literatura mundial tem dedicado o melhor do seu labor, tendo ainda há pouco iniciado a publicação, os seus «Estudos sobre Lope de Vega», de que já saiu o primeiro volume.

Admiro, por todas estas razões, curioso ouvir a este interessante personalidade, conversando com o professor Entrambasaguas imediatamente se reconhece nele aquele tipo do professor moderno, ainda raro, mas de uma simplicidade que encanta, e no meio dos seus olhos que alternadamente o erudito, que nunca é pensado, e o poeta modernista de vãos audaciosos, porque — curioso — se D. Joaquim Entrambasaguas é o erudito da cultura castelhana, é também o poeta da vanguarda modernista que o seu livro se nos revela.

Quilques, porque a bizarria algo decadente dos seus poemas nos impressiona, saber se adieram a algum dos seus rumos da poesia castelhana de hoje.

A sua resposta foi pronta: — Não me identifiquei a nenhum movimento literário ou estético. Limito-me a ser um homem do meu século e dar a minha personalidade, boa ou má, mas há-la. Em literatura, se bem que me interesse e me apaxione todo o passado, não compreendo uma atitude de criação que seja retrógrada. A minha poesia é sempre na vanguarda, isto é, acho que imitar os antigos é uma traição, e portanto só compreendo que se cria uma obra que seja representativa do nosso tempo. E por isso que se estudo os clássicos como mera obra de erudição, a minha poesia é absolutamente modernista.

— Que pensa então a literatura actual no seu país?

— A literatura actual espanhola, para eu, de Ramon Goytisolo de la Serna para cá, não decalca; pelo contrário, quanto mais se aproxima do estranheamento maior que os estrangeiros não são ainda conhecidos; no entanto, é fácil de compreender que a nossa literatura se desenvolve na vanguarda da literatura mundial.

— E que interesse tem em Espanha a literatura portuguesa?

— A literatura portuguesa, como a italiana, a francesa e a romena tem para nós um interesse evidente em face dos pontos de contacto que tem com a nossa. Além do mais, a literatura portuguesa tem uma riqueza própria e uma personalidade inconfundível que será sempre de grande interesse. Julgo mesmo que a poesia medieval castelhana, o renascimento português e o romantismo de ambos os países só podem conhecer-se a fundo num estudo de conjunto. Devemos fazer todos os esforços para criar um interesse cultural mútuo em ambos os países, e seria muito agradável ver surgir um mais intenso intercâmbio de estudos para que pudesse haver em Espanha «Istópicos» e em Portugal «hispanistas» após o compreendido e divulgação da cultura líberica. Julgo que isso seria fácil com a troca de bolsas entre os dois países, maior número de leitores e possibilidades largas de grande estadia de portugueses em Espanha e espanhóis em Portugal.

— V. Ex.ª pode, certamente, dizer-me se pensa que existe declaradamente um génio literário líberico?

— Claro que me parece que o há; no entanto não devemos esquecer as características individuais da literatura portuguesa e da espanhola. Mas se ambos os países, historicamente, têm tido destinos idênticos, porque não pensar que algo de semelhante os una na literatura? Espanha e Portugal têm sido os países mais prontos a receber todas as tendências literárias que têm aparecido, e no entanto têm sabido transformá-las e dar-lhe um cunho pessoal, dando-lhes a sua própria personalidade. Isto poderá ser uma característica do génio líberico.

— Há em Espanha interesse pela nossa literatura actual?

— Há. Mas infelizmente a dificuldade de envio de livros não deixa desenvolver esse interesse. No entanto, eu próprio e outras pessoas em Espanha

pensamos que a literatura portuguesa passa por um dos seus períodos mais interessantes e fecundos. Espero provar esta opinião dedicando à actual literatura de Portugal um dos «Cuadernos de Literatura Contemporánea», em que trabalho com a colaboração magnífica da dr.ª D. Josefina Romo. Nesses cadernos já temos publicado artigos sobre a vossa actual literatura. Tenho tido, agora, ocasião, como V. sabe, de tomar contacto com os novos poetas, e só lastimo estarem completamente esgotadas algumas edições da «Presença», de «Cuadernos de Poesia» e do «Novo Cancionero».

Falámos depois, em especial, da renovação lírica da Jovem literatura portuguesa, tão diferente da espanhola, se bem que Lorca seja um dos mentores de muitos dos novos poetas portugueses. D. Joaquim Entrambasaguas falou-nos demoradamente de Lorca, de quem foi amigo íntimo, de Alberti, de Dalí, de Joana Barbourou, e tivemos oportunidade de colhermos curiosos ensinamentos, de saber algumas verdades sobre a poesia castelhana e sul-americana dos nossos dias.

O professor Entrambasaguas, que há dias foi homenageado por um grupo dos seus antigos alunos portugueses de Santander, partiu esta semana para Madrid, lastimando não se poder demorar entre nós, e ansioso por de novo, em Santander, tomar contacto com os estudantes portugueses, que em grande número voltaram este Verão a frequentar o curso de férias daquela Universidade de Verano.

TOMAS RIBAS



TOSCANNI NO "SCALA DE MILÃO"

Aqui vemos o famoso maestro Toscanini, ao começar a reger a ópera «Manon Lescaut», na noite triunfal da sua reaparição no teatro Scala. Toscanini, grande maestro e fervoroso patriota, foi recebido com êxtase.

(Serviço Internacional «News Photos», especial para «Vide Mundial Ilustrada»)

A MELHOR CABELEIRA
O MELHOR PENTEADO

Crimisil
TRATAMENTO INTENSO

PODE ASSEGURAR...

COMPOSIÇÃO: FERRO, MANGANÉS, CÁLCIO E SÍLICA

NA LUTA CONTRA A QUEDA DO CABELO

TIPO DE SO COMPOSIÇÃO: CÍCLOS 2500 NO HAMBURG

DEPOSITADOS: ESTABELECIMENTOS CANOBBIO
RUA DANASCENO MONTEIRO, 142 — LISBOA

E' distinto!

PREFERIR

Guimar, da

PARA DECORAR

na sua da prata, nr. tel. 42066, libelo

A TEMPO!

Tódas as manhas — se tiver o cuidado de tomar ao deitar a sua pastilha de LAXOBAC.

«Laxobac» foi preparado e estudado para os que não têm os intestinos regularizados. A sua acção é certa. Quando tomar Laxobac as suas funções intestinais serão cronométricas. Tanto as crianças como os adultos gostam de «Laxobac», que só sabe a chocolate.

LAXOBAC

Em tódas as farmácias a Escudos 5000 e 12000 cada caixa. Lembra-se do nome.

ROSICLER
Meias

RDA ASSUNÇÃO TILSBOA
LOJA E FÁBRICA

**SEJA
GRACIL E ELEGANTE**



**USANDO SEMPRE
MALHAS
LOCITAY**

NASCIMENTOS NO "ZOO" DE PARIS

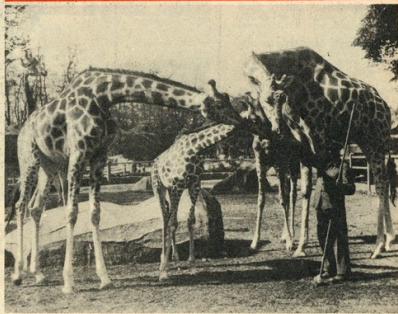
No Jardim Zoológico de Vincennes tem-se registado, últimamente, um grande número de nascimentos de animais, que muito têm valorizado a «Zoo» de Paris.



Um enternecedor quadro de família



Vigiando o recém-nascido...



«Madame» Girafa e o seu «pequeninas»...

UMA LUZ NO HORIZONTE

UM FILME EXCEPCIONAL

TRIBUTO à coragem dum povo que preferia morrer a fraquejar na sua luta contra o fascismo, «Uma luz no horizonte» é uma obra séria, que ficará na história dos dias negros que o mundo viveu, como um terrível líbeto.

Realizado com a colaboração dos notáveis artistas John Clements, Tom Walls, Mary Moon, a heroína do «Professor Smiths», e realizado por Sergei Nolbardo, que fez «Navios sem asas», o magnífico filme tem a assistência técnica do Dr. Schulic, médico de Belgrado que chefiou as guerrilhas do seu país e conseguiu passar para Inglaterra a juntar-se ao governo ali exilado, depois de dois outros enviados terem sido abatidos. «Uma luz no horizonte» é o filme épico das guerrilhas jugoslavas com os episódios mais emocionantes dessa luta sem tréguas dos patriotas que tudo fizeram pela pátria, luta em que até mulheres e crianças colaboraram corajosamente até que o nazismo foi aniquilado e nasceu nova luz no horizonte!

Documentário duma luta heroica, fica bem como padrão do tradicional amor do povo jugoslavo à sua Pátria e à liberdade!

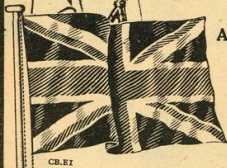


É UM
EXCLUSIVO
TRIUNFO

ESCOLHA A SUA BICICLETA COM-
PRANDÓ UMA DE FABRICO INGLÊS

RALEIGH RUDGE HUMBER

A Inglaterra é o país das melhores bicicletas do Mundo. V. Ex.ª deve escolher uma bicicleta inglesa aperechada com Sturmev-Archer e com engrenagem para três mudanças. Ficará ao abrigo de tudo se escolher uma bicicleta das três mais famosas marcas inglesas.



As bicicletas inglesas têm a primazia em todo o Mundo

RALEIGH INDUSTRIES LTD.
NOTTINGHAM, ENGLAND

CB-ET



Os membros da Missão Ortográfica Portuguesa para o acordo luso-brasileiro, foram há dias condecorados pelo sr. Embaixador do Brasil

DUAS IMAGENS DO CONGRESSO LUSO-HISPANO-AMERICANO DE MEDICINA, EM COIMBRA



Durante uma das sessões do Congresso



Os professores e estagiários do Liceu Pedro Nunes, que se reuniram numa festa de confraternização



Visita à capela da Universidade de Coimbra



Maria Helena, uma nova artista de Rádio que se estreou, há dias, na «Hora de Variedades» da E. N. Filha da distinta compositora D. Helena Moreira Viana, a nova artista é possuidora duma voz agradável e de bom timbre e certamente marcará o seu lugar entre os nossos artistas do microfone.



O tenor Loubet Bravo, que brevemente visitará o Brasil, onde certamente obterá o êxito que a sua voz e o seu estilo, tão português, inteiramente merecem.



Defenda a pele do seu filho...



com PÓ DE TALCO

bébé

M^{me} Campos

SE QUER CONHECER
TUDO O QUE SE PASSA
NO MUNDO NA POLÍ-
TICA, NA CIÊNCIA, NA
TÉCNICA, NAS ARTES,
NA LITERATURA E
ATRUÍDA O SEU CIRCULO...



LENDO TODOS OS SÁBADOS

Vida mundial

DOCUMENTÁRIO DA IMPRENSA

UM JORNAL QUE VALE POR MUITOS
JORNALS E UM JORNAL QUE É UM MUNDO
16 PÁGINAS ILUSTRADAS E 1 BICUDO

UMA GOTTA DE «HERPETOL»
E RESERVA DE CALABAZADO, ATRÉVES DA
SOMBRA, A FIM DE ARRANHAR O OUVRO SOMBRO
«HERPETOL»

É O MEDICAMENTO IDEAL E CERTO PARA TRATAR DE
TODAS AS FORMAS DE HERPES, VARIOLA, VARICELA,
ERISPELIDA, ACNEIA, SÍFILIS, ETC. ETC. ETC.
SEM ARRANHAR OUVRO SOMBRO.
A venda em lojas de farmácias e drogas.
Preço único: 1.500

UM WOMEN QUE VIVE A VIDA

POR FRANCISCO TOMÁS

uma mulher, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma mulher, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma mulher, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma mulher, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma mulher, e outra diferente, com um mundo a parte.

uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte.

L. MAITRE & FILS S.A.



PRONTO
WATCH CO.
LE MOUVEMENT SUISSE
100012020001 100 000

IMISTA
GENUINO
E ORIGINAL



STURMEY-ARCHER

Control de bicicletas com movimento controlado
Sturmey-Archer Gear, Ltd.
Rutledge, England

Fosforos
CASTELO
FOSFREIRA PORTUGUESA

SAO TUDO RESISTENTE COMO
AS PEDRAS DOS VELHOS CASTELLOS!

uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte. Uma vida, e outra diferente, com um mundo a parte.

— Trabalho que se diferencia por si

11111

Orientada por Leiria Dias

1.º Torneio — Problema n.º 9 CRIME OU SUICÍDIO?

Dr. Raul Pesca, notável cientista, professor catedrático de ciências físico-químicas, apareceu morto no seu gabinete de trabalho. Segundo se dizia suicidara-se com um tiro.

O nosso Inspector fora chamado pelo assistente do professor, e ao chegar à morada indicada, foi recebido por este e pela viúva.

Primeiro que tudo, tratou de fazer um exame no próprio local, pelo que entrou sóditno no gabinete onde o Dr. Pesca apparecera morto.

O cientista estava sentado num emplace, caído sobre um dos braços; no chão a arma que o matara.

Sobre a secretária, num solitário, umas perfumadas rosas vermelhas apontavam uma nota de vida naquêle ambiente de morte. O Inspector pagou num papel, que descobriu entre as folhas de um livro, onde se lia: «15-8-46. Meu caro amigo. Finalmente! É com sincera alegria que te escrevo para te dizer... Mais nada se lia, como se o professor (pois a letra era dele) tivesse sido impedido de continuar a carta.

O Inspector, depois de concluído o exame «in- loco», manifestou o desejo de ouvir as declarações da viúva e do assistente.

«Viúva falou desta maneira: «Meu marido há uns 20 dias que se fechara no seu gabinete para iniciar os trabalhos finais referentes a uma fórmula física de grande valor científico. Recomendara-me que não quieria ser importado por ninguém. Posto assim num completo isolamento, apenas duas vezes por dia lhe levava as refeições, que ele recebia à porta. Ontem, à hora do jantar, bati, e como não respondeu, arrabamos a porta e demos com o terrível espectáculo. Uma desgraça, sr. Inspector!»

O assistente, além de confirmar estas declarações, acrescentou: «Julgo que o Dr. Pesca, perante o fracasso nos estudos que andava a fazer e a que dedicava todo o seu brio profissional, se tenha suicidado.»

O Inspector obtemperou: «Estranho que não tivessem ouvido o tiro!»

Ao que o assistente retorquiu: «Como era véspera de Santo António e há aqui na rua uma esplanada onde se realizam estas festejos, calculo que os ruídos dos foguetes e da própria música e multidão, não tenham deixado aperceber-nos do que succedera.»

O Inspector calou-se. Nos seus olhos podia ler-se a alegria de quem está de posse da desejada verdade.

Perguntava-se: a) Tratava-se dum suicídio ou dum crime?

b) Em que baseou o Inspector as suas conclusões?

Dentro das normas habituaes, as vossas respostas poderão ser enviadas, sem falta, até ao dia 27 de Junho corrente.

PROBLEMA N.º 6 DECIFRAÇÃO

a) Se a maré estava em plena vazante, o late tinha para a proa virada para a nascente, e, assim, qualquer corpo seria arrastado para o lado da «e», e não para lá de pros.

b) O móbil do crime, era fácil de ver: a eliminação dum perigoso adversário, na mira da vitória na corrida que se ia realizar.

Eis a lista de decifreadores: Com 10 pontos: Tapassar, Oraval, Aleguém, Eiviro, Rocambolo, Xis, Jucati, Mr. J. G. Reeder, Philo Vance e Maria Luiza (59); Juvenal de Oliveira (54), Agente Koka Tudo, Repórter 8 e Detective Águia (52); Pantomas e Artur Varatejo (50); Filipe José da Silva (47); Mário Marques (42); Dralhe (37); Adolfo Lima (27); Pereira Soares (25); Tomos e Inspector Raton (17); Sete de Espadas, Rocanoli, Luis Betencourt, Manuel Batabié, Maria Batabié e Luis Mar-tinez (10).



Com 9 pontos: Erbeio, Dropé, Mr. Dell e Ordil (57); R. P. (38); e Petrónio (9).

POSTA RESTANTE

Tricana de Aveiro — Não teve boa estrea, mas espero que continue. *Maria Batabié e Manuel Batabié* — É muito possível que os vossos apelidos saiam deturpados, mas confesso que não percebi a letra. Agradeço o vosso interesse pela secção.

Luis Betencourt, Sete de Espadas, Luis Martinez, Petrónio e Rocanoli — É com todo o prazer que os recebo neste cantinho policial. Conto com todos vós, de futuro.

Inspector Radar — Contelhe 7 pontos no problema n.º 5. Agora passe a respeitar os vzos. Saudações.

Detective Águia — Vou estudar o seu alvitre, com vistas ao II Torneio. Vamos a ver o que se consegue.

Dralhe — O meu amigo está a mandar as soluções atrasadas, e isso complica-me a escrita... Não recebi solução do problema n.º 4 e contelhe — vá lá! — 5 pontos no problema seguinte.

COM VISTAS AO II TORNEIO

Embora não pensemos, por enquanto, organizar qualquer torneio de produtores, ser-nos-ia muito grato preencher o II Torneio com problemas escritos pelos nossos colaboradores.

Portanto, se nos quiserem honrar com esta deferência, comecem, desde já, a enviar-nos os vossos problemas, a fim de os estudarmos a tempo de os publicar já no II Torneio.

Todos os originaes, do tamanho aproximado dos que temos publicado, deverão vir acompanhados das respectivas soluções dos desenhos e suas descrições, caso se torne necessário a sua utilização.

No próximo número daremos já alguns dados sobre o II Torneio, que será dotado de inovações, algumas delas devidas a sugestões dos nossos prezados amigos, que muito nos apraz aproveitar.



A professora de piano D. Cecília Theriaga e seus alunos, no concerto realizado no Sindicato Nacional dos Músicos



As alunas que tomaram parte na festa do Liceu Filipo de Lencastre

Belameia
APRESENTA A MEIA
KLERY
De seu exclusivo, ao preço de
Esc. 27\$00 e 22\$50
1.ª e 2.ª escolha que calça tal como uma meia de seda natural.

Belameia
RUA SERPA PINTO, 16-D

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em lojas as literarias

Uma magnifica edição

de «VIDA MUNDIAL»

ODOL sinónimo de:



Dentes brancos e brilhantes
Gengivas rosadas
Alito puro e agradável



A PASTA DENTIFERICA 100%

Peça nas boas Farmácias, Perfumarias e Drograrias um produto de confiança e lhe aconselharão



O SONHO DE UMA
ESTRELA



O SONHO DE
LAURA ALVES
E DE TODA A MULHER
PORTUGUESA SÃO OS
CREMES DE BELEZA
THO-RÁDIA

Produtos à venda em todas as casas do ramo — Distribuidores gerais: ANTÓNIO FERREIRA PINTO, Limiteda
Rua dos Correiros, 123 — LISBOA PORTO — Rua da Ponte Nevo, 70

CENAS
LISBOÉTAS
IV

UM TRUQUE QUE
NÃO FALHA

INTERPRETAÇÃO: LINA E SALVADOR
FOTOGRAFIA: ARMANDO SERODIO



Este rapaz costuma vir para a rua
passar o cão...



Ora, como se sabe, nas ruas de Lisboa
andam inúmeras senhoras a passear os
cãozinhos...



Elo ensinou o cão a ir logo ter com
o outro...

O cãozinho da menina também
se interessa pelo colega...

E, por causa dos cães, o rapaz
e a pequena chegam à fala...



Segundo o rapaz conta,
tem arranjado assim,
muitos namorados. Graças
ao cão...



E daí a pouco já con-
versam, animadamente,
pela rua abaixo...



EM BERLIM O TABACO VALE OIRO!...

Em Berlim vendem-se por bom preço pacotes de tabaco importado da América. Este tabaco é, na verdade, de origem americana, mas a sua colheita é realizada nas ruas de Berlim, nos cafés, no metropolitano e nos combóis. Por toda a parte onde param soldados americanos existem olhos ávidos, fitos nos movimentos das suas mãos, desde o acender de um cigarro até ao deltar fora a ponta deprezada. Quando um soldado americano passava nas ruas esburacadas da capital germânica, seguem atrás dele magotes de garotos prontos a lançarem-se sobre a «betta», mesmo antes de ela atingir o pavimento da rua. Não para a fumar gulosamente como é hábito dos garotos, mas para a vender a preços que variam segundo o seu tamanho e estado de conservação.

Nos cafés os erlados prestam mais atenção ao número de pontas de cigarros que se acumulam, como peptis de ouro nos cizeleros, do que às gorgetas que lhes dão.

As crianças das escolas chegam a formar «escoladas» para a colheita e venda de pontas de cigarros.

Quem tiver a sorte de encontrar um cigarro inteiro deve sentir-se muito feliz como se encontrasse, perdida na rua, uma fola rara.

Elis um dos muitos legados de miséria que o nazismo deixou ao povo alemão.

OS MASTINS DOS CAMPOS DE CONCEN- TRAÇÃO DA ALEMA- NHA NAZI

O escritor Inglês Guy Morgan no seu livro «Only Ghosts Can Live» (Só Fantasmas podem Viver), dá-nos uma pequena amostra do que é o «humor» Inglês mesmo nas situações mais adversas.

No campo de concentração onde este escritor se encontrava, havia terríveis mastins, que rondavam o campo durante a noite.

Todos tinham bastante respeito por estes animalinhos, mas continuavam a fazer espirito. Assim, dizia-se que os mastins não tinham dentes devido ao fraco teor em cálcio dos ossos erzatz, que bastava uma pessoa estender a mão numa saudação fascista, gritando «Heil Hitler!», para que os cães perdessem a sua ferocidade.

E até se contava que, tendo os alemães atritado um daqueles cães para dentro de um acampamento de prisioneiros russos, em greve da fome, passaram quinze minutos a pele do cão voava por cima do arame farpado.

O suborno dos cães era proibido e, para o lembrar àqueles que porventura o esquecessem, havia um edital onde se lia: «Os cães alemães estão expressamente proibidos de aceitar comida da mão dos prisioneiros».

Resta saber contra quem era aplicado o castigo da infração a esta ordem, se aos cães se aos prisioneiros.

A MUNDIAL SEGUROS



O velho «fiacre» e o seu cocheiro

PARIS-MONTMARTRE

O ÚLTIMO «FIACRE»

O fiacre de Paris é o retrato da cidade romântica de 1912... Paris, velha taboleta que a guerra empoeirou, voltou a ser a capital do mundo, ventre fequendo, vulcão deslustrador cuja lava corre das garrafas de «Pomérac» por toda a Europa, — esta velha deidematada que se pinta e vai ao «hal-mu-ette». A influência de Paris está nitidamente acentuada em todas as literaturas, em todos os gestos da Arte, em todos os ritmos da Alegria. Vitor Hugo no «89» escreve: «Paris é o lugar onde bate o coração dos povos». Se houve quem, através da maravilhosa descrição de Paris em *Une page d'amour* de Zola sonhasse com o parque de Fontainebleau, também muitos viram os Campos Elísios através de 27 últimas novidades dos costureros célebres. A Paris de 1848 que perpassa na Educação Sentimental de Flaubert é a mesma que a gente conheceu nas novelas de aventuras de Montépin, a Paris das Madalenas românticas, a Paris que Paulo de Kok estendia já no seu tempo a Romantville, cenário predilecto dos seus romances alegres, — a Paris dos fiacres... A velha carnagem dos episódios galantes e das tragédias de Richebourg, consagrao Paul Frague em «D'après Paris», chamando-lhe *la vieille chausseur de souvenir*... Seduzidos pelo faquirismo da madrugada, levados em café-estudantes do Bairro Latino — uma variedade de raças, de idiomas, de expressões... Caricaturas boémias, personagens novelescas, por vezes notocadas por um preclismo de poveres, os esturdos noctivagum no teatro da aventura. Montmartre ri, escanera um sorriso desde a Praça de La Fête a Montparnasse. Ouve-se a última gargalhada seca das volbas do Clquot-deos encadeados uns nos outros como tranças de arame numa corda de aço. O Rotonde cerrou as portas, o Dôme tem a esplanada vasia como o corvês dum paquete abandonado. O último fiacre de Paris, aguarda, à luz vacillante dos arcos voluteicos, o momento de conduzir a casa o último tressentado...

MONTMARTRE — CABARET

O mundo inteiro é diurna grotesca pequena que cube em Montmartre. O estridulo dos smust-halls, a uulância caótica das camponas, dos carcanes. E o cocktalls de Paris, tela cheia de cores confusas atrás da qual Maurice Chevallier enrouquece a cantar e uma orquestra ruidosa parece conter a alma dum milhão de grafonolas. Montmartre são as pernas de Mistinguett, são duas dúzias sortolas de russos moscovitas do velho Império, suacas de olhos nostálgicos e o mo «Jordis-modétoos» que se despena diante dum cavaleite para ganhar trinta francos, sbrvicos de cabeça quadrada, espanholas habituadas ao dialutismo boêmio das scremeries, um gentleman de Piccadilly sentido ao lado dum marinheiro bretão, prémios de beleza, roletas a girar, complete da rua, gabinetes reservados, giris exportadas para o «tabarins». Holandesas aloradas, tinjidas de verde na rarefação barenta da luz da «brasserie», uma outra sem-ivirgem que saltou para aqui duma página escandalosa de Prevost, tarco de dentes tirigios que parecem cortados à faca duma edição em papel de embrulho da «Sultneta» de Dumas pai, o principe hindu, viajante incognito, fumando charutos estontantemente caros, uma bela mulher árabe corista de errevuetes por sessões, mariposa atraída pelo fulgor de civilização e pelo cap gelado... Buzinam taxis, retine a praia dos talheres nas calas bárbaras, e lá ao alto, como givolta luminosa, a taboleta do «Moulin Bleu», sintese dum programa que em certos momentos tem reticências... O Chat Noir tem o aspecto duma grande verberna. Há ementas Inacreditáveis; pratos estupendos de ovas de cherne com folegras, lagosta em caril, langostas cozidas com butter... De pretos do «Folles» — lacres negros com calças de cor de lúcar vulgar — agitam os saxofones do Jazz. O dollar millonário desfaz-se em vinho de Ruão e a «rumba» dequebra-se, ardente e mole...

JORGE RAMOS

1) Um «cabaret» de Montmartre. 2) ...fumando charutos estontantemente caros...

SINCERA, "DEFICIL" E INTOLERÁVEL BETTE DAVIS É DAS POUCAS ARTISTAS QUE NÃO TEM PAPAS NA LÍNGUA...

UM jornalista francês, Henri Gris, escreveu, há pouco tempo, numa revista do seu país, um artigo sensacional, com uma pontinha de escândalo, e que nos dá o retrato fílgante de Bette Davis, uma das mais curiosas e mais estranhas personalidades de Hollywood. Transcrevemos a seguir alguns trechos suficientemente elucidativos:

—Que vá para o diabo a etiqueta! Digo sempre o que quero, seja sobre o que for!

«E assim que Bette Davis costuma falar. E não há nada mais perigoso na CineLândia, espécie de Jaula onde as vedetas do melhor quilate têm por via de regra boas maneiras e só abrem a boca segundo as indicações dos seus agentes de publicidade. Assim se explica que esta excelente artista, a mais franca e a mais voluntariosa, seja também a mais odiada! Tal franqueza, dum modo geral, nunca é tolerada — e no mundo do cinema mesmo — o que em qualquer outra parte. O facto, porém, não preocupa Bette Davis. Aquelas que privam com ela e que têm que a suportar pelos deveres do cargo, sendo simpatizantes com a sua maneira de ser, nem por isso deixam de prestar justiça às suas qualidades.

«Em Hollywood corre o boato de que ela não liga meia aos seus convidados. Nada mais verdadeiro. Mas sómente no que diz respeito aos convidados que lhe não interessam. Ela própria confessa que se tem embrigado para conseguir divertir-se em festas a que é obrigada a assistir. Odeia tudo o que é falso e frívolo na cidade do Cinema. Vive o mais longo possível de Hollywood. Possui uma moradia, no estilo de Nova-Inglaterra, escondida no Vale de S. Fernando. E passa os seus *sweet-ends* a 100 quilómetros de Los Angeles, em Laguna Beach.

«O primeiro marido de Bette Davis aborrece-a. Alegou no divórcio que preferia a leitura à companhia do consorte. O segundo, que ela adorava, morreu misteriosamente, em plena rua, em Hollywood. Casou-se pela terceira vez, a 30 de Novembro de 1945, com o pintor e «boxeur» Grand Shelley. Dão-se bem, segundo dizem.

«O que irritam os seus amigos e que os empregados do estúdio corroboram, é que ela tem um coração de ouro e que trabalha *like a horse* (como um cavalo), para empregar a sua própria expressão. E que além disso é incapaz de exteriorizar um sentimento de inveja ou de maledicência.

«Quando abriu à ausência de *smaquillages* — escreveu o jornalista — a involvidável Mildred de «Servidão Humana», encolheu os ombros.

«As pinturas nada têm que ver com o cinema, respondeu. Só a personalidade é que conta. O meu metro caracterizador olhou-me assustado! Pestanas demasiado grandes, sobrancelhas ericadas, cabelos escorridos de cor incerta, boca de amargura — eu nem sei o que ele me arranjan! Enfim, uma cabeça de alde, holandesa, em cima dum pescoço muito comprido.

«Durante um ano, colaram-me pestanas de todos os tamanhos, pintaram-me o cabelo de todas as cores do arco-íris, desde o loiro platinado que me dava a aparência dum espectro famélico, ao negro de azeite que tornava a minha cara maquiada e esquelética. Pintaram-me a boca de todas as maneiras e feitios. Fotografaram-me de baixo para cima e fizeram de mim uma girafa. Depois de cima para baixo, e liquel sem pescoço. Por fim, estes senhores cansaram-se e pude enfim aparecer tal como sou.

«Consegui, finalmente — acrescenta Henry Gris — que Bette Davis falasse das suas colegas de estúdio.

«Ingrid Bergman, disse-me ela, não é precisamente uma beleza clássica. Mas tem um encanto e uma doçura feita de ingenuidade que dispensam todo o artifício. Em compensação, sem a colaboração dos técnicos cinematográficos, Greta Garbo seria apenas uma suca subalimentada... Katherine Hepburn é magnífica, mas os seus olhos, as suas maçãs do rosto salientes fazem a fidelidade dos fotógrafos. Na sua face há sombras ideais. Ginger Rogers é sardenta. Claudette Colbert, bochechuda. Mas na tela são encantadoras. O essencial, como disse, é que tenham personalidades.

Assim falou Bette Davis — uma das poucas artistas que não têm papas na língua...



Ana Gardner, a ex-mulher de Mickey Rooney, sorri, deliciada, ao calor do sol da Primavera. Em sua opinião, nada há para compensar a atmosfera esgotante dos estúdios do que o alegria dos dias claros, o carício dos raios solares e este colchão macio das areias douradas, que se molda ao feitio do corpo, confortável e insensivelmente... Pela nossa parte, pensamos como Ana Gardner. E se ela nos desse um lugarzinho, ao lado, sob o chapéu de sol — então seria o encanto completo...



1) Casados de fresco. Não admire, portanto, que se retratem assim, 180 dias juntos, 180 abraçados. Ele é June Allyson, uma das raparigas mais simpáticas de América. Ele, Dick Powell, cantor famoso, sua ocêbe de revelar-se como grande actor dramático. Até à data em que escrevemos, os noivos consideram-se felicíssimos — e estão — e Morsh Hunt. Ele, Robert Presnell, ternos e unidos, pela vida fora. 2) Ela é Marsha Hunt. Ele, Robert Presnell, Casaram-se há dias, numa copeleira no vale de S. Fernando, nos arredores de Hollywood. A julgar pelas suas raras fisionomias — foi um casamento de amor. Flores aos noivos!

NOTA DA SEMANA

«Cais do Sodré», em matéria de interceptes, trouxe-nos duas revelações. Oscar Acácio e Eugénio Salvador. Dois actores de cinema, do melhor estofado, que se comportam ao longo do filme com admirável prontez e com o melhor estofado que com espontaneidade, sem um delírio de trabalho. Prometeu o belo resultado do seu trabalho duas surpresas. O Oscar, todos quantos com ele privavam conheciam a sua graça natural e o poder de sedução que é um dos segredos da comunicação do actor com o público. Quanto a Salvador, habituado a jogos de comunicação do actor com o público. Quanto a Salvador, habituado a jogos de comunicação do actor com o público. Quanto a Salvador, habituado a jogos de comunicação do actor com o público. Quanto a Salvador, habituado a jogos de comunicação do actor com o público. Quanto a Salvador, habituado a jogos de comunicação do actor com o público.

...por excepção...
Seja como for, o cinema português, normalmente: tão ingrato para com os seus valores: conta com mais dois artistas.
Oxalá, como tantas vezes sucede, não os ponham de lado, para experimentar outros, com a décima parte do seu talento...

**RECÉM-PUBLICADO
O ROMANCE A PAIXONANTE
TEMPESTE MORTEL**
por **ASDRUBAL VALVERDE**
Tome com que se baseia o grande filme do mesmo nome há pouco exibido e que tomamos êxito obtendo 224 páginas — 8 fotografias
Escudos 10\$00
ARGO EDITORA — LISBOA

A filha de Joan Crawford, a encantadora Cristina, de sete anos de idade, já usa um chapéu igual ao do mãe...



Jean Renoir é certamente um dos mais competentes cineastas europeus. Vimo-lo em Lisboa, a convite da América, onde depressa conseguiu impor o seu valor e — o que é mais! — o seu estilo. Depois dum série notável de películas, realizadas nos estúdios americanos, Jean Renoir concluiu «The Southerners», considerado a sua obra-prime. Aqui vemos os dois intérpretes principais, Zachary Scott e Betty Field, num cena do película, que Londres conseguiu recentemente.



Robert Siodmak, que aqui aparece em mangas de camisa, está a dirigir um filme, «O Tio Harry», que é mais uma obra do suspense inspirado nas teorias de Freud. Intérpretes: Ella Raines e George Sanders, que a gravou nos mostra um altitude de quem se diverte francamente... Ao lado dos populares artistas, Geroldina Fitz Gerald, que desempenha o papel de irmã de Sanders, e que é a figura central do filme, com o seu temperamento oscilando entre o desrambamento nervoso e a loucura...

BOCAS ABERTAS, SOLTA O CHANTAL!

POR FERNANDO FRAGOSO

HA preclaramente dois anos, e nas páginas desta revista, sob o título de «Deus não Dorme Chantal», escrevimos a propósito do livro hoje famoso de Suzanne Chantal: «Deus não Dorme» está destinado à consagração do cinema. Para além da acção — que é o drama do Humanidade perante a guerra — há o mundo íntimo de cada uma das personagens, rico de sugestões psicológicas e cheio de motivos de interesse. A obra pode considerar-se, assim, um argumento à espera de um realizador — um filme de guerra diferente de tudo o que Hollywood nos tem dado.

E acrescentámos mais adiante: «Orala o cinema, quando o verter em imagens, respires e focalização dos episódios e o faça com o exacto, bastando para não deformar ambientes e intuições. E dizemos isto porque, ainda agora, em «Refugiados» (Journey for Margaret), se escomotou Lisboa da reportagem de W. L. White e transferiu para a América as cenas que na realidade se passavam em Portugal.

Estas palavras vieram a lume a 8 de Junho de 1944. Dois dias antes, com a invasão da Normandia, começara o assalto das lendas aliadas à fortaleza europeia. No nosso pensamento a ideia da libertação da França estava ainda longe. A hora alta da arrendida final das tropas anglo-americanas, surgia carregada de interrogo e incertezas. Quem nos poderia dizer que, a dois anos de distância, «Deus não Dorme» haveria de começar a realizar-se em Paris? E Suzanne Chantal escrevia-me, então, confiada, mas sem optimismo, que os tempos aliás não aconteciam:

«Grá V. seja bom profeta, no que diz respeito ao futuro cinematográfico de «Deus não Dorme».

«Penso também que poderia fazer-se um belo filme com o tema dos refugiados. Gostaria tanto de ver realizar um filme em Lisboa, com a verdadeira atmosfera da cidade de que os americanos tantas vezes fazem nos diálogos das suas películas e que tão raras vezes — e tão mal! — recebem nas suas imagens!»

«Também já, apesar de tudo, talvez o seu artigo me traga boa sorte...»

Viu-se sem emoção e alívio que Suzanne Chantal me deu conta de que a profecia saíra certa. Pela minha parte, não escondi o entusiasmo e a alegria com que recebi as excelentes notícias, que acompanhavam a notícia. Suzanne impusera condições ao produtor que se interessava pela sua obra. E entre todas, a que mais directamente seria grã a Portugal: os exteriores deveriam ser realizados em Lisboa, para não trazer a paisagem e a alma da cidade que a autora do romance soubera capturar e fixar — em páginas individuais. Além dum produtor de categoria, o filme traz outros garantos técnicos e artísticos: um realizador designado entre os melhores de aquélla guerra, guido escrito por técnicos reputados sob a visão directa de Suzanne Chantal, colaboradores de nossa entidade oficial, etc. «Deus não Dorme» — tudo o indico! — não sairá reforçado por falta de meios técnicos, industriais ou artísticos. E poderá ser, no cinema, o que já hoje é na literatura — um hino em louvor da coraçãõ portuguesa.

Aqueles que acompanharam a odisséia dos refugiados, nos dias perturbados e inquietos de Junho de 1940, astringir, por certo, a um espectáculo inolvidável. Dum lado, uma multidão sofredora, dilacerada por dores morais, jamais provadas. Do outro, este bom povo português, sensitivo, emocionado, abdicando das próprias preocupações para auxiliar o martirio dessas mulheres e pávidas crianças, que buscavam Lisboa como se fosse o paraíso. Vinham das trevas, são iluminadas pelas clarões da guerra, correndo sobre a terra gretada daquela Verão ardente, uma terra que parecia estar de raiva sob as botas do invasor. E encontravam uma cidade em Paz e em festa, celebrando, orgulhosamente, alto afeitos de Independência, através dum século de legendas que enasaram a História surpreendente do Mandato Português e as céas turísticas involuntárias que quasi por completo a desconheciam. Nas ruas velhábais de Lisboa havia festas de vertura e banfes multicoiores. Vinham de lá os ecos de descaites. A cidade celebrava os Santos Populares com ímpetus arraiais nos bairros. Era este o panorama que Lisboa oferecia a esse fantasma dum mundo que desabava — e que aqui encontravam o que já não supunham existir à face da Paz, Amor, Hospitalidade, Solidariedade — uma cidade — uma mesa — ambara modestas, mas sempre acolhedora e dignas. E choravam de alegria, choravam de amor — e eu, também, como Maria Glory, que mal podia acreditar no que os seus olhos viam.

«Suzanne Chantal soube fazer-nos justiça. O seu livro não é apenas o documentário duma paisagem humana e duma época — é uma obra dedicada ao nosso povo. O filme completará a generosa missão divulgadora do romance. E terá reveladoras as ideias que nos desconheciam — e que desconheciam a humanidade conduta do país, em seus dias de guerra e de dias dos refugiados.

«Deus não Dorme ganha, assim, as proporções duma homenagem a Portugal. Ao registar a notícia da sua realização, a nossa entidade oficial, sob a categoria e na honestidade das intenções da obra cinematográfica, que se anuncia — porque acreditamos que tudo corra pelo melhor. E diremos simplesmente, a dois anos de distância da nossa estreia — boa sorte, Suzanne Chantal!»

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL POR CAÍDOS OS FERRÃO

CAPÍTULO XXXI

A FORTALEZA EUROPEIA



LORD HALIFAX

Embaixador britânico em Washington, ao ser recebido pelo falecido presidente Roosevelt

A concepção predominante em Moscovo era oposta a esta tendência. Os russos que haviam podido ocupar as regiões orientais da Polónia em Setembro de 1939, por virtude do tratado de aliança que pouco antes tinham concluído com a Alemanha entendiam que essas regiões deviam ser, no futuro, encorporadas no seu próprio território. Essas regiões eram demarcadas pela linha Curzon, que tirava o seu nome do ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Lord Curzon, que a propusera em 1920 depois da primeira conflagração mundial. A circunstância de ter sido um Inglês, dos mais conhecidos e categorizados, que propusera o traçado que o governo soviético reivindicava, não deixava de constituir um embaraço compreensível para o gabinete Inglês sempre que este se propunha cooperar com a Polónia na defesa dos seus interesses e da integridade do seu território.

Por outro lado, o governo soviético reivindicava o direito de transformar em subditos russos todos os indivíduos que habitassem a leste do traçado da linha Curzon, muitos dos quais haviam sido levados para o interior da U.R.S.S. durante as horas dramáticas que acompanharam a retirada soviética, no Verão de 1941. Esse direito contestável era vivamente repudiado pelo governo polaco de Londres, que se opunha antecipadamente à sua aplicação prática e definitiva em seguida à realização da vitória comum.

Dos dois aspectos fundamentais do debate travado entre russos e polacos era evidente que enquanto os primeiros se sentiam seguros quando argumentavam que o carácter das populações situadas a leste da linha Curzon, os segundos tinham razão incontestável sempre que se referiam à impossibilidade de dar a nacionalidade russa aos polacos que habitavam as regiões situadas a leste da mesma linha.



A POSIÇÃO DIFÍCIL DA GRÃ-BRETANHA NO DE- BATE RUSSO-POLACO

Que pensavam os dirigentes da Grã-Bretanha do tratado russo-polaco a respeito do debate russo-polaco e quais eram as tendências da opinião pública anglo-saxónica perante esse debate? Os dirigentes de Londres e Washington, envolvidos numa luta de vida ou de morte, desejavam acima de tudo alcançar a vitória o mais rapidamente possível. Esse propósito levava-os, logicamente, a afastarem todos os motivos de desânimo susceptíveis de enfraquecer a coligação anti-fascista. Quanto aos sentimentos da opinião pública, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, a verdade é que ela se encontrava profundamente dividida e estava a ser influenciada por argumentos de propaganda, de um e outro lado, que nada tinham de comum com as realidades e a verdade.

Mas a posição da Grã-Bretanha, do seu governo e do seu povo, era mais delicada do que a dos Estados Unidos. A Grã-Bretanha tinha um aliança formal com a Rússia Soviética, a qual implicava, para os seus dirigentes, determinadas obrigações a que não podiam extrinsecar-se facilmente. A publicação em território britânico de jornais e panfletos de origem polaca em que a Rússia, o seu regime e os seus objectivos, eram violentamente atacados, colocava o governo de Londres em sérios embaraços, tanto mais que a embaixada soviética na capital britânica multiplicava as suas diligências junto do Foreign Office a fim de fazer cessar aquelas actividades e mais rapidamente, radicalmente, possível.

Durante todo o primeiro semestre de 1943 a imprensa e a rádio soviéticas realizaram uma violenta campanha contra o governo polaco que tinha a sua sede em Londres, a qual se revestiu de aspectos desagradáveis e insultuosos. Perante este algar de escudos, a imprensa britânica manteve uma reserva quase total, limitando-se acastivamente a alinhar os argumentos invocados de um e outro lado, sem tomar partido na contenda que subia de tom à medida que as tropas soviéticas, na sua ofensiva vitoriosa, se aproximavam do limite das antigas fronteiras polacas.

A OPINIÃO PÚBLICA NOS ESTADOS UNIDOS PERANTE A QUESTÃO POLACA

Nos Estados Unidos, onde os órgãos encarregados de exprimir os verdadeiros sentimentos da opinião pública norte-americana tinham maior liberdade de movimentos do que na

Grã-Bretanha, a tendência generalizada era para tomar o partido da Polónia. Esta atitude tinha várias explicações que procuraremos enumerar resumidamente.

Uma grande parte da população norte-americana não tinha qualquer simpatia pelo regime soviético, e essa antipatia reflectia-se em todas as questões em que esse regime aparecia posto em causa. De maneira especial os adversários desse regime recrutavam-se entre as massas trabalhadoras do país que conservavam, com um certo grau de compreensão, a possibilidade de verem atingidas as suas realidades e o seu alto nível de vida por qualquer transformação social resultante do sobressaio da guerra.

Havia igualmente uma parcela larga dessa população, de origem polaca, que mantinha pela sua pátria de origem uma veneração que se traduzia frequentemente por sacrifícios de toda a espécie. Como essa parcela da população norte-americana era activa e influente, sobretudo em alguns Estados da União, compreendese que ela fizesse tudo o que estava ao seu alcance para apoiar as reivindicações do governo polaco instalado em Londres.

Finalmente, havia que entrar em linha de conta com os meios católicos norte-americanos que, sob a inspiração do bispo Spellman, haviam tomado, desde a primeira hora, uma posição muito nítida na querela russo-polaca. Esses meios eram estruturalmente adversos ao comunismo e a todas as suas expressões, e não ocultavam a sua firme decisão de levar a cabo a luta anti-comunista até às últimas consequências. A sua atitude, apoiando calorosamente a política e as reivindicações do governo polaco instalado em Londres, não podiam suscitar qualquer surpresa nem nos Estados Unidos nem no estrangeiro.

A notícia da execução de dois socialistas polacos, Henryk Erlich e Victor Alter, em território russo, provocou nos Estados Unidos um movimento de reprovação que fez sentir os seus efeitos durante largo tempo. Por isso a declaração, feita pela embaixada soviética em Washington, sobre os fundamentos da política soviética em relação à Polónia não produziu qualquer efeito, e a tendência para de fender os pontos de vista do governo polaco de Londres se revigorou durante o primeiro semestre de 1943.

Mas não eram apenas as divergências

entre o governo polaco de Londres e o governo soviético que davam sérios aprensos aos diversos sectores da opinião pública norte-americana que se esforçavam por salvar, a toda a custo, a unidade da sua acção, no momento em que a sua desunião podia acarretar consigo a vitória do inimigo com todas as suas consequências. Havia outros aspectos das relações inter-alianas que eram igualmente de molde a suscitar as dúvidas mais fundamentadas em relação ao futuro dos eventuais vencedores da luta terrível que se alargara a todo o mundo semeando ruínas e devastações.

Entre esses aspectos, o da campanha sistemática conduzida por diversos sectores da opinião pública norte-americana contra a Grã-Bretanha revestia-se de uma importância predominante. Embora o isolamento, na sua forma virulenta que havia causado à nação americana tantos prejuízos durante o período que medeia entre as duas guerras, pudesse considerar-se definitivamente desapparecido, graças sobretudo à acção pessoal do presidente Roosevelt, as suas sobrevidas continuavam a influenciar a vida norte-americana contribuindo poderosamente para uma desorientação dos espíritos que era altamente prejudicial para o estorço de guerra.

Uma grande massa de cidadãos americanos continuava a pensar, mesmo perante a lição inenunciável dos factos que a guerra contra o Japão devia constituir o objectivo principal a realizar por parte dos seus dirigentes. Para essa massa de cidadãos a luta na Europa devia dizer exclusivamente, ou pelo menos predominantemente, respeito aos países do mesmo continente e de maneira especial à Grã-Bretanha.



**MEIAS AMERICANAS
MAYLON-DUPONT)**

51 Gauge

A autentica meia de vidro
Recebemos directamente em todos os tamanhos

MEIA DE VIDRO
Rua Augusta, 158

MEDICINAL
PASTA COUTO

TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou biomísticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves.

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká
MATA

PERCEVEJOS
BARATOS
PULGAS
TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: **COUTO, L. 44 — Porto**
L. S. Domingos, 168

CONTRA OS MALES DOS PÉS — UM CONSELHO



Ponha uma mão cheia de Saltrato Rodel (saís oxigenados para os pés) dentro de água quente e mergulhe aí seus pés doídos. Este banho leitoso dar-lhe-á uma sensação extraordinária de alívio e de bem-estar. A dor «fio», o inchaço, o ardor, desaparecem como por encanto. Calos e calosidades tiram-se facilmente. Procure hoje mesmo Saltrato Rodel e desembrace-se destas misérias. Em todas as farmácias e drograrias.

AGUARDENTE VELHA
Nepoort
a prova está na prova



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para o grupo editorial, Caixa Postal 100, Lisboa.

DAMAS

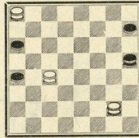
(Secção espanhola)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 90
(Final artístico)

«La Provincias» — Las Palmas (Espanha)

Leoa: «Damaño 31»



Jogam as brancas e ganham.

Nota — Com esta composição terminou o 1.º Concurso de Problematistas de «Damas» de «La Provincias», que foi superintendido pelo distinto médico espanhol Dr. Carlos Rodríguez Lafora, motivo porque daqui lhe dirigimos as nossas saudações.

A MORTE DUM GRANDE «DAMISTA»

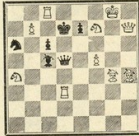
Vítima dum desastre de automóvel faleceu o conhecido e distinto «damista» Artur Ferreira dos Santos, da Secção de «Damas» do Sport Lisboa e Benfica.

A família entulhada, ao Sport Lisboa e Benfica e a sua Secção de «Damas», o nosso sentido pesar.

XADREZ

PROBLEMA N.º 36

Por Dr. Monteiro da Silveira (Brasil)



2 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DE XADREZ N.º 35

1. B6.

NOTICIÁRIO

Rússia

Acaba de se efectuar o grande Campeonato de Moscovo, de Xadrez, de 1946, cujo resultado foi o seguinte:

1.º, Bronstein, 11 ½ pontos; 2.º, W. Scamín, 11 p.; 3.º a 6.º, sexagenários: Smyslov (campeão de 1945), Alartunov, Kotov e Panoff, 8 ½ p.; 7.º, Rawinsky, 8 p.; 8.º e 9.º, Bondarevsky e Lienthal.

Para o campeonato da Rússia estão inscritos os seguintes jogadores: Borwink, Smyslov, Kotov, Fiohrs, Lienthal, Bondarevsky, Keres e Bolezlavsky.

Como se vê, o estalono Paulo Keres, reaparece em Moscovo.

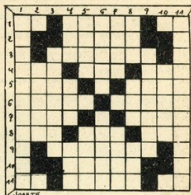
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 68

Por José Duarte (Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Gemido; do Papa; preposição. 2 — Introduz (ar ou gás) em; aqui está; pron. pessoal. 3 — Receptáculo de tecido aberto em cima e cosido no fundo e lados; direcção. 4 — Ligam; depósito de pólvora e munições de guerra. 7 — De dez; roa. 8 — Gasto; altar; gasta. 9 — Ladrão (pop.). 10 — Encherase de ira. 11 — Isolado; sarau; artigo. 7 **VERTICAIS:** 1 — Formado. 2 — Embarcação com dois mastros e vela latina (pl.). 3 — Símbolo. 4 — Vaso de pedra para líquidos; rezar; aqui está. 5 — Diante de; pleante. 6 — Cidade francesa; vagasar. 7 — Fileiras; espaço (livr.). 8 — Óxido de cálcio (livr.); pótria; tanto. 9 — Pusera amelas. 10 — Imóvel. 11 — Árvores que dão marmelos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 (Nova Modalidade)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
A	L	T	R	A	I	N	H	E	S	O
D	I	A	R	I	R	A	N	U	M	A
D	I	A	R	I	R	I	S	T	A	L
V	I	D	I	O	T	H	E	L	A	R
S	V	I	M	E	N	E	R	J	A	I
P	A	R	A	R	M	O	N	T	O	R
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
L	E	O	N	I	N	O	D	A	R	
O	S	S	A	R	A	N	V	A	I	S
T	G	R	A	D	E	L	A	S		
R	A	R	A	R	S	D	H	A		

SOLUÇÃO DO PASSATEMPO

(Publicado em 6/6/946)

1 — Adiar. 2 — Lacer. 3 — Migas. 4 — Edema. 5 — Iscar. 6 — Dança. 7 — Afilar. 8 — Magia. 9 — Ousar. 10 — Renhar. 11 — Gopia. 12 — Irado. 13 — Rosto. 14 — Aparar.

O vislento flutue assinalado pelas letras de 1.ª coluna é *Almeida Moreira*.

SOLUÇÃO DO BILHETE DE VISITA

(Publicado em 13/6/946)

Camilo Castelo Branco.

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhum outro.

NÓS OFERECEMOS a vida e a beleza dos seus cabelos



«EMBRYODINE-C ou D» revolucionou a técnica da vida e da beleza dos cabelos. Não sendo uma brilhantina, dá, contudo, um brilho que fátima se apaga. Os cabelos das senhoras, secos e quebradiços, devido a tinturas, «permanentes» ou descolorações, tratados com «EMBRYODINE-C», retomam instantaneamente o aspecto da juventude, tornando-se robustos, sedosos, ondulados e radiosamente brilhantes.

Os do homem, quando tratados com «EMBRYODINE-D», não só deixam de embrançar prematuramente, como se apresentam brilhantes, sedosos e fixos.

Para senhores: EMBRYODINE-C — frasco para 15\$00 e 25\$00
Para homens: EMBRYODINE-D — bóia, 20\$00

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 29 — Porto. Distribuidores no Continente: ANTONIO FERREIRA PINTO, Ltd. — Rua dos Cavaleiros, 123-A — Lisboa.

FATOS DE BANHO FLUTUANTES

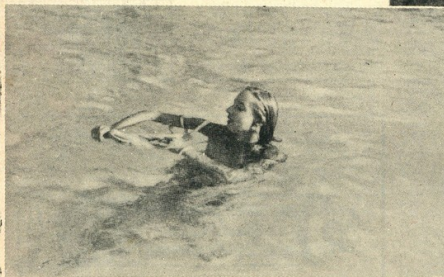
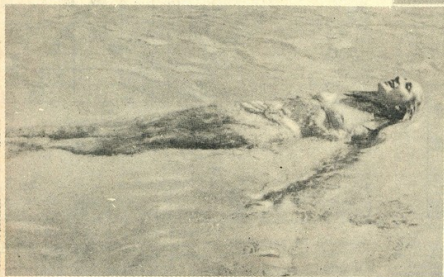
As transformações sofridas pelos fatos de banho, de há 50 anos para cá, mostram que os americanos se preocupam bastante com o assunto. Muitos nadadores, no entanto, preferem tirar o fato quando já se encontram dentro de água.

Como evita: que o fato se afunde ou que embarce os movimentos do nadador, caso ele o conserve na mão?

O problema foi resolvido por Helen Morgan, criadora do fato apresentado na foto junta.

Este fato chama-se «Bota ao Luar», e possui um flutuador de cortiça em forma de salva-vidas, que o mantém em flutuação enquanto o seu possuidor nada.

As fotografias mostram como se tira o fato na água.



- 1) O modelo Toni coloca-se em posição de poder tirar o fato. 2) O esportista tem que ser preso ao colção, caso contrário vai ao fundo.
- 3) Por fim tiram-se os colções, que se enrolam à volta dos ancos à maneira dos cueiros.

